

HISTÓRIAS E PUBLICAÇÕES SOBRE A VELHICE NO BRASIL

Jaqueline Ap. M. Zarbato Schmitt¹

RESUMO

Este texto apresenta a construção dos discursos sobre a velhice nas revistas de circulação nacional e nas memórias de mulheres. Os discursos das revistas forjam conceitos em relação à velhice, que muitas vezes padronizam e cristalizam as opiniões sobre o viver dos idosos. Muitos se pautam pelos ideais de juventude ou pelas questões de saúde. Deste modo, ao analisar os textos das revistas como um veículo de comunicação constrói e publiciza os elementos relacionados à velhice. E as falas das mulheres idosas permite que se vislumbre outros fatores sobre a vida de idosos no Brasil.

Palavras-chave: Mídia, velhice, discursos.

INTRODUÇÃO

Este texto pretende analisar alguns discursos² sobre a velhice na sociedade brasileira, através de algumas reportagens de revistas de circulação nacional e nas memórias das mulheres idosas. Neste sentido, está dividido em dois momentos um relacionado as reportagens e outro das memórias. Ao analisar as reportagens de revistas pretende-se salientar de que forma esses veículos de comunicação constroem discursos sobre a velhice, o corpo, as expectativas da vida, as memórias.

Neste sentido, foram utilizadas revistas de circulação nacional e memórias. Isso porque, a partir de 1990 irrompem os discursos sobre a velhice, seja pejorativamente ou mesmo ressaltando os elementos do cotidiano dos idosos. A publicização da velhice na mídia impressa trouxe à tona alguns debates sobre a situação dos idosos no Brasil.

¹ Doutora em História Cultural/UFSC. Professora da rede municipal de ensino de Florianópolis. Professora da Unisul nos cursos de História e Comunicação Social. Membro da Diretoria da Associação Estadual dos Profissionais de História. Autora de artigos em revistas científicas: Revista de Estudos Feministas, Revista Fronteiras, Revista Esboços.

² O discurso é um acontecimento antes de mais nada ideológico, isto é, expressão das posições de classe ou grupo(...) uma máquina de produzir sentido, e é como produtor de sentido que ele deve interessar. (Possenti, 2001 p 155)

Em 1980, os discursos sobre a velhice proliferaram em várias áreas de saber, saindo do âmbito da medicina, da enfermagem, da assistência social para entrar no campo de análise da antropologia, história, sociologia, linguística. Essa proliferação de debates trouxe algumas mudanças para o enfoque da velhice no Brasil. Além disso, com o aumento da estimativa de vida dos brasileiros, a sociedade passou a “olhar” os idosos de outra forma, e alguns segmentos sociais passaram a se preocupar com o bem estar dos idosos.

Segundo Renato Veras, médico que se debruçou sobre o estudo da velhice no Brasil, *a velhice é um termo impreciso, e sua realidade difícil de perceber. Nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social.*³

É importante salientar que algumas revistas incorporam o discurso de que há necessidade de um acompanhamento geriátrico, para que se tenha uma velhice saudável. Esse tipo de discurso fundamenta-se na concepção de que o corpo deve ser sadio, de que os maiores problemas do envelhecimento é a relação saúde/doença. Entretanto, como a velhice estava começando a ser discutida no Brasil, havia certos mitos que continuavam a ser elencados. Como por exemplo, “de que a velhice na mulher começa na menopausa, de que o interesse sexual desaparece na velhice”. (super, 45).

Esses e outros estereótipos começaram a ser discutidos na mídia e na sociedade, pois os estudos de cientistas foram aos poucos sendo incorporados nas análises da mídia. Em 1990, ainda eram poucos os debates sobre os avanços em relação à velhice, e os discursos ainda eram pautados pela relação velhice x juventude.

Em 2001, o conteúdo da Revista Vida e Saúde sobre a velhice apresentava um discurso ainda voltado para as questões de saúde/doença.

Essa revista é conhecida como porta voz dos cuidados em relação à saúde, em seu editorial deixa claro a intenção de valorizar as experiências de saúde. De uma certa maneira, as reportagens acabam utilizando as experiências dos idosos como um exemplo para as demais gerações.

Intitulada de “A oportunidade na velhice”, a reportagem afirmava que “*a 3ª idade é para o homem o período da parábola descendente*”. Ainda sobre a velhice destaca-se um trecho em que há a seguinte argumentação “idoso que mantém vivo seu interesse por argumentos e

³ VERAS, Renato P. País Jovem com Cabelos Brancos: A Saúde do Idoso no Brasil. Rio de Janeiro: relume Dumará:UERJ, 1994 p25

fatos que o ocuparam durante toda a vida, ao aprofundar certos temas, é capaz de obter bons resultados da sua sabedoria e experiências”⁴.

Esse tipo de discurso sobre a manutenção da ocupação incita os idosos a se manterem ativos, cultuando as ocupações que fizeram ao longo da vida. A preocupação em manter o discurso da necessidade do idoso ser ativo, de manter-se em movimento é reforçado na reportagem. Em um trecho, destacam o que seria necessário “se o cérebro começar a envelhecer, use-o! É preciso que o velho se mantenha ativo, de modo moderado e se possível, empenhando-se nas mesmas atividades que exerceu durante toda a sua vida. Além disso, é fundamental que tenha uma ocupação.”⁵

Ao destacar a necessidade de manter o cérebro ativo, incita-se novamente o cuidado com o corpo. Mas, esses discursos são pautados pelos ideais de um corpo saudável, de um idoso que mantém sua autonomia, ou seja, num padrão da juventude. Um dos maiores problemas das análises sobre a manutenção do corpo do idoso com o ideal da juventude está em não conceber as diferenças que se apresentam no corpo, na mente dos idosos.

É interessante que se formam, primeiramente os discursos sobre a saúde dos idosos, para depois serem analisados e ressaltados outros aspectos da velhice. E por mais que as reportagens apresentem a necessidade de valorização dos idosos, a maioria centra a análise sobre a saúde dos idosos. Isso é tão perceptível que na mesma revista, há a reportagem sobre os aspectos da saúde, argumentando que: “É possível a prevenção as moléstias do envelhecimento, com o auxílio dos jovens na aproximação com os idosos, formando grupos, associações e centros sociais para estimular o contato pessoal e combater a solidão.”⁶

Essa argumentação sobre o estreitamento das relações entre jovens e idosos configura-se num dos principais argumentos utilizados pelas áreas de saber, uma vez que, há uma interação e troca de experiências, o que faz com que os jovens e idosos possam se compreender, tolerando as diferenças. Esse tipo de discurso é inovador e propõe uma nova maneira de encarar a velhice, numa troca de experiências com os mais jovens. De certa forma, contribui para um outro tipo de análise, a de que os velhos não devem manter os preceitos da eterna juventude física, mas que se suas memórias tornem-se importantes elementos na relação com os jovens.

⁴ Revista Vida e saúde. Ano 2001 p 3

⁵ Idem, p 9

⁶ Op cit, p 12

Percebe-se alguns discursos diferenciados a partir de 2001, pois neste período a ciência, a sociedade, a mídia debatem sobre a velhice em outros prismas. Os discursos não se restringem a saúde/doença, são ressaltados o cuidado com a beleza, as atividades laborativas, a qualidade de vida. Esses e outros elementos denotam algumas mudanças no perfil do idoso brasileiro, com um número cada vez maior, com razoável poder aquisitivo. Neste sentido, a mídia passa a sedimentar o discurso de autonomia e cidadania desses sujeitos.

O Artigo da revista *Bárbara* de 2002 é um exemplo da positividade relacionada a velhice feminina. Esta revista passou a ser veiculada para o público feminino de meia-idade, utilizando exemplos de mulheres idosas. A intenção, segundo o editorial da revista, “era trazer à tona os problemas inerentes à essa faixa etária e ajudar a mulher a encontrar e exaltar as suas potencialidades”. O editorial da Revista convida as leitoras a: “manter a serenidade de uma criança dormindo, a honestidade calculadora, a alegria de quem recebe um presente. Vamos enterrar nosso lado escuro e deixar vir à tona o melhor de cada uma de nós”.⁷

Ao dizer que se deve deixar vir à tona o melhor de cada uma de nós, incita a valorização das mulheres com idade mais avançada. Essa reportagem mantém alguns discursos sobre a relação da velhice e juventude, pois resalta os ideais da juventude sempre ligados ao culto do corpo, colocando-os como uma premissa também na velhice. Tanto que em uma frase deixam claro o estigma de culto ao corpo: “*toda mulher tem que se gostar e cuidar da aparência*”. (Bárbara,19).

Percebe-se uma nova maneira de publicizar a velhice, ressaltando as positivities dessa etapa da vida. Mas, a concepção da velhice pautada pelos ideais da juventude não foi totalmente abandonada. Ao focar num determinado assunto, a mídia impressa se apodera repentinamente dos suportes sociais, auto estimulando alguns assuntos. (RAMONET, 1999, p 23).

A revista *Época* de janeiro de 2003 trouxe a reportagem: “viver bem para viver mais e melhor – Como é possível programar o bem estar por toda a existência?” Segundo a revista: “Os milhões de brasileiros terão a chance de viver muito melhor, a novidade está nas ruas, empresas, escolas e, é claro academias: cabelos brancos já não depõem contra o corpo saudável e a mente ativa”.⁸

A revista destaca que a receita é simples: não fumar, beber pouco, comer moderadamente, se exercitar de acordo com a faixa etária. Além disso, a reportagem traz um

⁷ Revista *Bárbara*.

exemplo, com a história das gerações de famílias: da avó de 84 anos à bisneta de 6 anos que seguem os preceitos descritos acima. É importante salientar que as pessoas descritas na reportagem são em sua maioria de classe média e alta, tendo um padrão que difere da maioria dos idosos brasileiros. A reportagem reforça os ideais de bem estar físico, psíquico, mas entendendo que a maioria dos idosos sobrevivem com uma renda mínima, torna-se complicado padronizar todas as ações de todos os idosos brasileiros.

É interessante notar que algumas notícias trabalham com a velhice, mas não ressaltam os valores intrínsecos à essa faixa etária, pois sempre relacionam-na com os ideais da juventude. Tanto que finaliza a reportagem com o relato de uma mulher, relacionando a velhice com a juventude: *“Ninguém volta a ser jovem, mas se conseguir manter a criança que sempre existiu dentro de mim, vou chegar aos 100 anos, diz Thereza de 73 anos”*.

Nota-se que, as reportagens vão construindo um discurso em torno dos idosos, ganhando significado quando se problematiza as matizes dessa faixa etária. Os discursos impulsionam os debates em torno da valorização e dos direitos dos idosos, salientando a necessidade de manter ocupado o tempo livre dos idosos, principalmente com atividades físicas.

Pode-se dizer que se construiu em torno dos idosos um discurso de dependência, que perdurou durante muito tempo, tentando identificá-lo como um ser contemplativo. Porém, o idoso, o envelhecimento pode ser analisado através da linguagem produzida no processo de socialização, de produtor de sentidos que fala de contextos sociais, de pertencimentos culturais, de experiência acumulada.

Os idosos formam um grupo de 15 milhões de consumidores brasileiros, talvez por isso seja possível explicar a crescente publicização destes sujeitos, já que algumas reportagens centram-se sobre a imagem da beleza, da juventude, contribuindo com a imagem negativa da velhice, impulsionando estes sujeitos a se identificarem com os padrões de juventude.

Um aspecto que merece atenção nos discursos sobre a velhice brasileira é que nossa população com mais de 60 anos deve ultrapassar os 13 milhões de habitantes, e com esse crescimento cresce também a atenção a essa parcela da população. Entretanto, a política social em relação aos idosos está longe de ser adequada. Fato que entra em discordância com os discursos proferidos pela mídia e até pelo poder público que, tornou explícito o artigo 230

⁸ Revista Época. Janeiro de 2003. Editora Abril

da Constituição Brasileira o qual determina que “ *a família, a sociedade e o Estado tem o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar e garantindo-lhes o direito à vida*”.⁹

1. Outros olhares sobre a velhice: As memórias das mulheres idosas no grupo de convivência

A chegada de cada idosa no grupo de convivência¹⁰ é um ritual de risadas, brincadeiras, abraços. Geralmente os encontros são no período vespertino, as mulheres se sobressaem, os saltos altos, a maquiagem e a alegria dão o tom da presença delas.

É um lugar de sociabilidade em que muitos idosos encontram espaço para manterem sua autonomia. De certa forma, há duas análises que podem ser feitas, a realizada por Alda Motta, de que se os meios de realização da vida fossem sempre adequados, envelhecer-se-ia com muito mais segurança e vigor (...) e os velhos simplesmente reunir-se-iam com quem quisessem, sem o recurso social ao rebanho. (MOTTA,1994, p. 11).

A outra que concebe os grupos de convivência de idosos como lugares de sociabilidade, que apesar de seguir padrões governamentais, trazem atividades diferenciadas que fazem com que os idosos compartilhem suas experiências, sintam-se mais ativos. São inúmeras as mulheres que relatam as mudanças na qualidade de vida após a sua inserção nos grupos de idosos e, algumas das mudanças serão vislumbradas nas narrativas dessas mulheres.

Soleide é uma mulher com 65 anos¹¹, participa do grupo de idosos de seu bairro. Toda a semana ela tem um encontro marcado com outras 20 mulheres e quatro homens. Soleide diz que “*freqüento esses espaços porque gosto de conversar com outras mulheres*”. Ao relatar sua história de vida detalha alguns elementos que impulsionam sua permanência no grupo de convivência de idosos. É nesse espaço que ela se identifica com pessoas de sua geração. Alguns idosos, de diferentes classes sociais, sentem-se mais plenos e tentam reabilitar a imagem da velhice através das atividades realizadas nos grupos de convivência de idosos.

⁹ CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília, 1988 lei nº 8842.

¹⁰ Para esta pesquisa foram visitados cinco grupos de convivência de idosos no município de Florianópolis. Foram entrevistados cinco idosos e idosas de cada grupo.

¹¹ Entrevista realizada com Soleide, em novembro de 2005 concedida à Jaqueline Schmitt.

Os grupos de convivência de idosos pautam-se pelo modelo típico de grupos de iniciativa governamental, os quais estabelecem planos e metas a serem cumpridas, em torno da assistência social ao idoso. Percebe-se, que há uma carência por parte dos idosos, o que impulsiona a procura pelos grupos de idosos, o que no contexto brasileiro representa a perda do seu lugar social.

Na narrativa sobre os relacionamentos familiares afirma que “ *meu relacionamento com meu esposo não é muito carinhoso, não dormimos mais juntos e só ainda estou casada porque meu papel é servi-lo e atender suas vontades*”

Percebe-se na narrativa de Soleide que, ao estar no grupo ela se constrói de forma diferente, pode conversar, expor suas idéias. Ao afirmar que “seu papel é servir ao marido” estabelece limites para sua vida diária, subjugando-se na relação conjugal, de certa forma é como se sua única função fosse servir ao marido. No entanto, ela mesmo destaca que “muita vezes o marido esteve ausente”.

A reflexão na velhice de que deveria ter lutado pelo seu amor só pode ser feita pois há um distanciamento daquele evento, sendo assim, toda a trajetória de vida lhe possibilitou fazer análises e escolhas.

Num debate realizado com as idosas do grupo sobre os relacionamentos amorosos, foi possível conhecer um pouco mais sobre as escolhas de amores, namoros e casamentos. Natália contou que:

o pai escolheu o João para casar comigo. Ele tinha dez anos a mais que eu. Mas eu gostava de outro, era um soldado de guerra na Alemanha (...) eu gostava muito dele e le de mim, mas quando comecei a namorar o João, aí não podíamos nem nos olhar, porque eu não saía de casa sozinha. O namoro com o João era acompanhado da minha mãe ou irmã. Nos bailes, a mãe acompanhava nós.

O fato de não casar com quem amava deixou Natália com o sentimento de que “*os homens podem fazer o que querem, nós (mulheres) não*”. Esse tipo de pensamento vem sendo debatido em alguns grupos de idosos, trabalhando com as diferenças entre os gêneros. Entretanto, os debates ainda não contemplam todos os grupos e, de certa forma não permitem a discussão sobre a emancipação das mulheres.

As mulheres que participam dos grupos de idosos preferem não falar sobre seus esposos, aquelas que os tem, pois a maioria são viúvas. Essas, argumentam que procuraram

participar do grupo “*porque sentia-me sozinha*”. A morte do cônjuge pode ser uma tragédia ou uma libertação.

Marlene¹², com 88 anos mora sozinha numa casa no bairro Monte Cristo, em Florianópolis, mas nunca teve filhos. Após o falecimento do esposo resolveu participar de grupos para ter “algo para fazer”. Segundo ela: “*depois de viúva, eu me senti mais livre, posso sair de casa, fazer cursos. Quando eu era casada, o meu marido só deixava sair com ele*”.

Sair sozinha, morar sozinha são coisas que permitem uma certa independência, que durante a sua vida não foi possível. Mesmo com os problemas de saúde, mantém práticas diárias como caminhar, ressalta as qualidades de viver sozinha. Lembra que as vezes, “*fica triste, mas aí eu procuro minhas amigas do grupo, vou fazer passeios e volto muito melhor. As vezes, não adianta, eu choro sozinha, mas no outro dia, levanto e vou para o grupo de idosos, até ficar mais alegre*”.

Zita¹³ disse que as vezes também se sente sozinha, “*é o pior sentimento que tenho. Desde que fiquei viúva me sinto mais livre, estou revivendo a autonomia da juventude*”

Ao correlacionar a velhice e a juventude parece querer distanciar a concepção negativa que acompanha a velhice. Ressaltando a influência dos eventos da juventude nos da velhice, fazendo uma relação entre as gerações e, permitindo seguir seus desejos, buscando fazer atividades que lhes dêem prazer. Segundo ela: “*nos clubes pulava carnaval com variadas fantasias, que minha mãe fazia. Era a melhor época, por isso hoje procuro fazer as coisas que me deram prazer na juventude, coisa que eu gostava e que me deixem feliz*”.

Olinda, com 70 anos, relata que sua ida para o grupo foi idéia de uma filha, que “achava que eu estava muito triste e que lá os idosos ficam alegres”. Esse tipo de pensamento é corrente na sociedade, pois muitos idosos chegam nos grupos desanimados, tristes, solitários e encontram outras pessoas com quem podem compartilhar seus sentimentos. Afinal, fazem parte da mesma geração, sendo assim, convivem com problemas similares.

A complexidade da vida social, as situações de classe e gênero apresentam-se nas reconstruções do trajeto da vida de cada indivíduo que, ao narrarem definem lugares de memória. Nas histórias de vida percebemos que os relatos se adensam nos momentos em que as pessoas se recordam das mudanças na trajetória de vida (BARROS, 1997).

¹² Entrevista de Marlene em outubro de 2005.

¹³ Entrevista de Zita em novembro de 2005.

A dificuldade de relacionar-se com as pessoas é reflexo da relação familiar, os filhos cresceram, saíram de casa, o esposo faleceu. Apenas dois filhos moram perto dela. No início, *“me sentia tão sozinha, que chorava, depois comecei a gostar de poder ver novela em todos os canais, não ter que fazer janta, de noite eu gosto de tomar café. Daí descobri que estava livre daquela tortura”*.

Tereza¹⁴ também salienta que depois que os filhos saíram de casa, sentiu-se mais solitária, *“porque meu marido era machista e não dava liberdade que eu queria ter, não podia nem sair sozinha. Daí quando fiquei viúva, achei que seria tudo diferente, e foi mesmo. Primeiro senti a falta dele, pois foram 48 anos vivendo juntos”*.

Essa falta do marido pode ser explicada pela condição social de algumas mulheres dessa geração, já que a maioria era dona de casa, vivendo em função dos afazeres domésticos, da educação dos filhos e para atender aos maridos. Era uma relação de dependência.

As pessoas que participam dos grupos de idosos procuram exercer novas atividades ao mesmo tempo em que buscam refazer a rede de amizades, encontrar novas parcerias amorosas. Irrompem sentimentos, desejos que estavam adormecidos, sufocados. São elementos que fazem com que os idosos sintam-se ativos, pertencentes ao grupo social em que vivem, pois se mobilizam em torno dos mesmos desejos.

As narrativas permitem uma interpretação do jogo entre a determinação do social, a expressão da liberdade e autonomia no momento em que podem fazer novas escolhas, trilhando novos caminhos na velhice.

Em suma, nessa análise foi possível perceber que as mulheres, idosas e viúvas e mesmo as que não são viúvas procuram nos grupos de convivência de idosos espaços em que possam dialogar, manter sua autonomia, sentir-se livre, enfim, cada uma delas acaba criando estratégias para vivenciar novas situações e trocar experiências.

¹⁴ Entrevista de Teresa em outubro de 2005.

REFERÊNCIAS

DEBERT, Guita. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice In: Antropologia e velhice. Textos didáticos, n 13. IFCH/UNICAMP, 1994.

MOTTA, Alda. Palavras e convivência-idosos, hoje. In: Revista de estudos feministas. N 1, IFCS/UFRJ, 1997.

BEAVOUIR, Simone. A velhice. SP: Cia das Letras, 1999.

Entrevistas com Soleide de Souza, Zita Pereira, Olinda Ferreira realizada em novembro de 2005.

Entrevistas com Marlene Silva, Tereza Daufenback, Natália Oliveira realizada em outubro de 2005.

REVISTA ÉPOCA, 2000.2001.

REVISTA BÁRBARA, 2000, 2001.